

Oitocentos

Arte Brasileira do Império à República

Tomo 2

ARTHUR VALLE

CAMILA FAZZI

(ORG.)



2010

Realização da Publicação

UFRRJ
CEFET-Nova Friburgo

Organização

Arthur Valle
Camila Dazzi

Projeto Gráfico

Camila Dazzi
dzaine.net

Editoração

dzaine.net

Editoras

EDUR-UFRRJ
DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no *II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX*. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. / Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

1 v.

ISBN 978-85-85720-95-7

1. Artes Visuais no Brasil. 2. Século XIX. 3. História da Arte. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX.

CDD 709

ISBN 978-85-85720-95-7






O impacto da Academia de Belas Artes da Bahia na arte Oitocentrista

Luiz Alberto Ribeiro Freire



 dinâmica da cultura na sociedade baiana oitocentista tem inspirado inúmeros trabalhos de pesquisa, que, se não abrangem a complexidade das manifestações, já contribuem para dar relevância aos principais acontecimentos.

No âmbito artístico percebemos um vigor da arte decorativa tradicional, que mantém sua qualidade e se renova nas inúmeras reformas ornamentais dos templos católicos e na segunda metade do século, a institucionalização do ensino da arte, com a fundação do Liceu de Artes e Ofícios em 1872 e da Academia de Belas Artes da Bahia (ABAB) em 1877.

O Liceu conta com um estudo realizado por Maria das Graças Leal como dissertação de mestrado e publicado sob o título: *A arte de ter um ofício: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia 1872-1996*. Nele a autora coligiu as informações que pode colher no que sobrou do arquivo do próprio Liceu, incendiado em 1968 e em outros arquivos institucionais, contribuindo para a compreensão de parte importante da história dessa casa, e das circunstâncias sociais que favoreceram a sua fundação.

Até o ano de 2008, quando Vivianne Rummler defendeu a dissertação de mestrado no PPGAV-EBA/UFBA intitulada *Pintores fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia: João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1893) e Miguel Navarro y Cañizares (1834-1913)*, a história da Academia de Belas Artes da Bahia, atual Escola de Belas Artes da UFBA (EBA/UFBA), possuía alguns registros de períodos e aspectos de sua história em pequenas publicações no formato de catálogos, separatas e artigos publicados em coletâneas. Destaca-se nessa produção os escritos de Manuel Querino, Otávio Torres, Juarez Paraíso, Selma Ludwig e Maria Helena Flexor, todos eles valiosos, mas de abrangência limitada.

O estudo de Vivianne tem a largueza e profundidade que o tema suscita e foi construído a partir de rigor científico, com uma coleta e confrontação de dados de múltiplas fontes, inclusive nos arquivos particulares das famílias Cañizares e Lopes Rodrigues, em documentos doados pela família de Agripiniano Barros, no arquivo da EBA/UFBA. O estudo revisou muito do que estava escrito, acrescentou em muito os conhecimentos com conhecimento inédito e realizou um levantamento exaustivo da obra artística de Cañizares e João Francisco Lopes Rodrigues.

A pesquisa acima integra um conjunto de esforços que temos feito para fomentar a produção de conhecimentos acerca da história da EBA/UFBA focando a instituição, os docentes, os discentes, a produção artística, os prêmios de viagem à Europa, a pedagogia, as mudanças de paradigmas com os movimentos modernistas e a atualidade. Tais pesquisas são realizadas por bolsistas da iniciação científica, alunos especiais e regulares da disciplina Artes Visuais na Bahia oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA/UFBA e por mestrandos que ingressam com temática relativa à EBA/UFBA, na maioria das vezes incentivados pelas nossas iniciativas.

Ponto sempre polêmico na abordagem da história da EBA/UFBA é o das motivações da sua fundação. O pintor espanhol Miguel Navarro & Cañizares [**Figura 1**] aportou em Salvador em 1876 juntamente com sua família. Seu destino era o Rio de Janeiro, mas teve que se deter na Bahia em razão de uma epidemia na corte. Durante sua estadia na Bahia ofereceu-se a ensinar pintura no Liceu de Artes e Ofícios, deixando essa instituição em 1877, motivado pela revogação de uma encomenda de um retrato de D. Pedro II em tamanho natural feita pela diretoria do Liceu, que preferiu transferir a encomenda para o pintor José Antonio da Cunha Couto.

Conforme identificou Vivianne¹, existem dois retratos de corpo inteiro de D. Pedro II assinados por Cunha Couto, o da Faculdade de Medicina, datado de 1878, e o do liceu, datado de 1880. Seria mais lógico que o datado de 1878, o da Faculdade de Medicina e o mais próximo da desavença, fosse o do Liceu.

A diretoria do Liceu pretendeu, segundo Sepúlveda², homenagear o Imperador Pedro II pela passagem do seu aniversário mandando pintar o seu retrato e introduzindo-o na sua galeria. A importância dessa encomenda era grande em função da visibilidade que o pintor ganharia, sobretudo na corte e para Cañizares representava um ganho monetário compensatório de seu trabalho gratuito no Liceu.

José Antônio da Cunha Couto era pintor natural de Salvador (01.05.1832-05.11.1894)³, atuante desde 1835, exercia um certo monopólio no mercado artístico, trabalhando muito para as

¹ SILVA, Viviane Rummler da Silva. **Pintores fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia**: João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1893) e Miguel Navarro & Cañizares (1834-1913). 2008, 452 p. Il. (Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes. 2008).

² SEPÚLVEDA, Carlos. O que deu origem a fundação da Academia de Belas Artes da Bahia. In: **Universidade da Bahia. Arquivos da Universidade da Bahia**, Escola de Belas Artes, v. 2. Salvador: Universidade da Bahia, 1954-55. p. 109 (citado por SILVA, Viviane, 2008, p. 55).

³ QUERINO, Manoel Raymundo. **Artistas Bahianos; indicações biográficas**. 2ª. Ed. Bahia, Oficinas da empresa “A Bahia”, 1911. 256 p. Il. p. 84-86. Segundo Querino Couto, foi “retratista, pintor e fotógrafo, dotado de talento e gosto pela arte... por vezes, bem feliz no colorido e na fisionomia de seus retratos”. Computou 11 retratos de bemfeitores de autoria de Couto no salão nobre do Liceu de Artes e Ofícios e outros retratos no Colégio dos Órfãos de São Joaquim, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e na Escola de Medicina. Pintou Santos e cenas religiosas para Mosteiro de São Bento da Bahia, Ordem Terceira do Carmo.

irmandades, ordens terceiras, instituições educativas e culturais. Possuía domínio na pintura de retratos e muito produziu nesse gênero. Pensamos que para ele, o Liceu que viu nascer, e que lhe encomendava muitos retratos, não podia preteri-lo a um estrangeiro. De seu temperamento Querino informa ser um “gênio reservado e não entretinha relações com os colegas de arte”⁴.

É fácil entendermos as razões de Couto, a clientela passou a compará-lo com Cañizares, pesando em favor do último a sua origem européia, a excelência de sua formação acadêmica e o conhecimento artístico que possuía, tanto o literário, quanto o visual, pois na sua formação constava um item precioso aos artistas do século XIX o estudo direto das obras primas do passado preservadas nos museus. Tal formação devia faltar à Couto, provável herdeiro da formação oficial⁵ predominante na Bahia até o penúltimo quartel do século XIX.

Os termos dessa comparação estão em ata da Ordem Terceira de São Domingos de Gusmão, quando a mesa administrativa resolveu encomendar os quadros pintados para o teto da capela-mor e para isso aventou a possibilidade de fazer um público convite aos artistas nos jornais,

*ou se contratar-se independente d’este meio e particularmente com qualquer artista de merito reconhecido este trabalho, e sendo resolvido pela Segunda hypothese, o mesmo Irmão Prior, propôz de preferencia os nomes dos Senr.^{es} Miguel Navarro y Canyzares, e Jose Antonio da Cunha Couto, que por informações insuspeitas que de ambos tem tido achão-se para isso sufficientemente habilitados, sendo que, segundo ainda as mesmas informações, parece ter o primeiro destes alguma vantagem / sobre o Segundo n’este genero de pintura, por estudo especial em diversos paises que percorrêo onde em contacto com os grandes Mestres vesitou pessoalmente não só os primores da arte moderna, como aquelles que ainda se encontrão preciosos legados da anteguidade; por isso, era de parecer que desde já ficasse a Commissão de Obras encarregada de dirigir-se ao mesmo Canyzares, a fim de convidalo a apresentar um plano de trabalho, não só em referencia aos ditos quadros porem ainda do acabamento da restauração do grande tecto e toda mais pintura necessaria da Igreja, no qual plano devem vir discriminados parcialmente os valores estimativos de cada execução, podendo a mesma Commissão, se assim entender, ouvido igualmente o segundo Jose Antonio da Cunha Couto, e avaliados com prudencia as vantagens que possão d’entre um e outro resultar a Ordem, contractar com qualquer d’elles e até mesmo com ambos, se d’isso não resultar prejuiso ao perfeito desempenho, com que deve ser feito o mencionado trabalho*⁶

A contenda partidarizou os artistas e o Liceu e teve lances irônicos e criativos. Couto

produziu um quadro satyrico, no qual, diversos animaes censuravam uma pintura do professor Canysares, e o expoz no bairro do commercio. O professor Lopes Rodrigues, filho, discípulo de Canysares, em justa represália, expoz também outro quadro, em que o professor Couto está pintando uma tela, e diversos animaes fazem-lhe uma manifestação.

⁴ Idem, ibidem, p. 85.

⁵ Evitamos aqui afirmar a formação oficial de Couto por faltar dados sobre ela. Querino nada menciona no seu **Artistas Bahianos** e o artista ainda não foi tema de pesquisa científica.

⁶ AOTSDG. Livro de Actas das Sessões da Mesa Administrativa da Venerável Ordem Terceira de São Domingos, 1869.05.04 -1882.08.01. 1880, Agosto, 1, Bahia. p. 159 – 160.

*Assim é que um Cavallo, de luneta, cobre o artista com um chapéu de sol, um burro apresenta uma cesta de flores, um macaco, mõe tintas; num chapéu de pello descansam os pinceis, um cachorro tem na bocca um numero de Novo Mundo, representando o plagio, isto é, donde Couto copiou o quadro, uma cabra põe as mãos num papel, com epigraphe, uma serpente roe uma lima de aço como simbolo da inveja.*⁷

Miguel Cañizares retirou-se então do Liceu e colocou anúncio no Jornal *O Monitor* nas edições de 27 de outubro a 28 de dezembro de 1877 comunicando a saída e oferecendo ao público o ensino da pintura⁸. Nesse ínterim, Cañizares associou-se aos professores e alunos que deixaram o Liceu para fundarem a Academia de Belas Artes da Bahia, são eles: professor João Francisco Lopes Rodrigues [**Figura 2**] e seus filhos, o aluno e professor Manoel Silvestre Lopes Rodrigues, o médico João Francisco Lopes Rodrigues e o ex-aluno do Liceu Antonio Lopes Rodrigues e os seguintes alunos do Liceu: Manoel Raymundo Querino, Tito Baptista, Carlos Costa Carvalho, André Pereira da Silva Junior, Januário Tito do Nascimento, João Gualberto Baptista, Boaventura José da Silva e Manoel Rodrigues de Azevedo; o médico e político Virgílio Climaco Damasio; o engenheiro-arquiteto José Allioni, o professor primário Austrícano Francisco Coelho, o político, jornalista e farmacêutico Amaro de Lellis Piedade e o apoio imprescindível do Presidente da Província da Bahia, o Desembargador Henrique Pereira de Lucena (Barão de Lucena em 1888)⁹. A fundação deu-se no dia 17 de dezembro de 1877.

Viviane Silva dá uma interpretação nova ao episódio, diferente daquela que predominou e fundamentada nos documentos pessoais de Cañizares, que teve acesso em primeira mão. A interpretação predominante era de que a Academia de Belas Artes da Bahia era fruto da dissidência entre professores do Liceu de Artes e ofícios e consequência da discussão em torno da feitura de um retrato de D. Pedro II.

Viviane vê esse fato como um incentivo, um ânimo para a implantação de um ensino acadêmico, mas percebeu uma intencionalidade calcada no idealismo particular de Miguel Cañizares, cuja formação era sólida, com graduação obtida na Real Academia de San Carlos de Valência (Espanha) e aperfeiçoamento artístico na Real Academia de Belas Artes de San Fernando, onde foi discípulo do pintor Federico Madrazo. Conhecia profundamente o modelo acadêmico. Quando se ofereceu para dar aulas no Liceu, propôs a criação do curso superior de pintura, o que de certa forma já anuncia suas pretensões¹⁰.

⁷ QUERINO, op. cit. p. 85-86.

⁸ SILVA, op. cit. p. 56.

⁹ Idem, ibidem, p. 60-61.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 57-58

O indício maior da predestinação de Cañizares foi a convocação feita ao pintor, nos idos de 1872, pelo Presidente da Venezuela, General Antonio Guzman Blanco para elaborar os estatutos e tudo mais preciso à fundação de uma Escola de Belas Artes naquele país. O Ministro de Fomento foi designado para contratar o artista para esse fim. Um rascunho de uma Carta de Cañizares datada de 19 de novembro de 1872, e analisada pela primeira vez por Viviane, a ser dirigida ao Ministro, informa as bases para principiar a pretendida escola de artes e orienta sobre a implantação de classe de desenho. Viviane suspeita que os conflitos e guerrilhas internas, e o regime ditatorial de Gusman Blanco tenham frustrado a implantação em Caracas de uma Escola de Belas Artes¹¹.

Viviane ainda reforça o protagonismo de Cañizares através de citações de autores. Contudo esse protagonismo encontrou na Bahia um ambiente favorável a implantação da Academia de Belas Artes, a criação da Sociedade de Belas Artes (1856), a experiência de instituição do Liceu, o interesses artísticos e culturais dos médicos da Faculdade de Medicina, a existência de intelectuais do porte de Jonathas Abbott, do comendador Correia Garcia, do médico Antônio José Alves (pai de Castro Alves). Em pouco tempo Cañizares estabeleceu relações com personalidades das ciências, letras, artes e política, inclusive com o comendador Correia Garcia, tutor de Querino, conforme afirma um de seus alunos, Oseas Santos¹². Não sendo casual as boas relações do mestre espanhol com o aluno Manuel Querino, futuro pioneiro na escrita da História da Arte Baiana.

Quanto as circunstâncias sociais, Viviane adota a mesma conclusão de Maria das Graça Leal ao se referir ao contexto que favoreceu a fundação do Liceu de artes e Ofícios. A Fundação da Academia de Belas Artes da Bahia

*esteve inserida no período de difusão das idéias liberais e positivistas do final do período imperial e implantação da república. Deste modo, na perspectiva de acompanhar a 'marcha do progresso', o governo da Província aceita e apóia a iniciativa particular de Cañizares e demais companheiros co-fundadores, em fundar, em Salvador, uma instituição de ensino artístico em moldes semelhantes aos das academias de arte européias, contribuindo assim para o progresso das artes na Bahia.*¹³

Fica claro, portanto, que a fundação da Academia de Belas Artes da Bahia não podia ser fruto apenas do capricho de uma querela entre artistas, mas de todo um contexto social, de um ambiente artístico, que favoreceu inclusive a continuidade do projeto, já que Cañizares mudou-se para o Rio de Janeiro em 1882 em busca de melhores oportunidades, ficando a cargo dos artistas e intelectuais do lugar, co-fundadores, a tarefa de continuar a obra, tarefa que desempenharam muito

¹¹ Idem, ibidem, p. 58-59.

¹² Idem, ibidem, p. 59.

¹³ Idem, ibidem, p. 61-62.

bem, a ponto de distinguirem ainda no século XIX os desígnios da Academia, que no princípio se confundiam com o do Liceu e que foram cada vez mais se concentrando na formação de produtores e no cultivo da grande arte, das artes belas, fundamentadas nas três artes filhas do desenho: pintura, escultura e arquitetura.

Nos anos que se seguiram a fundação da Academia seus fundadores ocuparam-se em estruturá-la segundo o modelo europeu, contando não só com as possibilidades da terra, como também com o propósito de dotá-la de docência especializada. Cuidou-se ainda da sua estruturação física, administrativa e pedagógica, sendo alvo inclusive da reforma Benjamim Constant em 1894-95, quando passou a designar-se Escola de Belas Artes. Esse período pode ser considerado heróico e decisivo para fazer vingar a instituição recém criada. Segundo Viviane para se alcançar isso a academia contou com razoável auxílio do governo provincial e dedicação dos seus fundadores.

A primeira diretoria, e provisória, por ser a diretoria de instalação, a ser substituída por outra eleita após a aprovação dos estatutos, ficou assim composta: Diretor: o professor Miguel Navarro y Cañizares; Vice-diretor: o professor João Francisco Lopes Rodrigues; Tesoureiro: o professor José Allioni, e por indicação deste, para secretário, o professor Austríliano Francisco Coelho e, ajudante de secretário, o professor Manoel Lopes Rodrigues¹⁴.

Otávio torres informa que a fundação e o início das atividades da Academia ocorreram no próprio atelier de Cañizares, localizado em sua residência “no segundo andar de um grande sobrado situado à ‘Praça do Palácio (atual Thomé de Souza) no sítio em que a Rua da Misericórdia forma ângulo com a Ladeira da Praça (atual Visconde do Rio Branco), ocupado atualmente pelo Armazém Triunpho”¹⁵.

No mesmo ano de sua fundação a Academia foi transferida para o andar superior do antigo solar que pertenceu ao médico Jonath Abbott, situado na Rua 28 de Setembro, adquirido aos herdeiros pelo governo provincial entre 1876-77 [**Figura 3**]. O Conselheiro Jonathas Abbott (1796-1868) era natural da Inglaterra e radicado na Bahia desde a adolescência, naturalizou-se brasileiro em 1821. Em Salvador cursou a Faculdade de Medicina e se destacou no meio intelectual, fundando a Sociedade de Belas Artes e legando uma coleção de arte com pinturas européias e brasileiras. Parte dela foi adquirida pelo estado, constituindo-se no embrião do acervo do atual Museu de Arte da

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 63.

¹⁵ TORRES, Otávio. Resenha histórica da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia. P. 191-215. In: **Arquivos da Universidade da Bahia**, Escola de Belas Artes, Salvador, v. 1, 1953 b. p. 192. (Leitura depois de Viviane Rummmler da Silva, 2008, p. 64-65.)

Bahia. O espaço do solar era dividido com as escolas do Curato da Sé, funcionando aí os colégios particulares “Sebrão” e “Pantheon Bahiano” de acordo com Otávio Torres¹⁶.

O governo abriu concorrência para a reforma de três prédios adquiridos para o funcionamento de escolas, entre eles o do Solar Jonathas Abbott, ganhou o engenheiro-arquiteto, co-fundador da Academia, José Allioni, que se propôs a reformar as suas custas o pavimento superior do solar, que estava fora do orçamento, e onde funcionava a Academia de Belas Artes da Bahia, despendendo a quantia de cinco contos de reis aproximadamente, tendo obtido a necessária licença do Governador, o Barão de São Francisco.

Enquanto o antigo solar colonial, reconstituído em desenho por Otávio Torres, era reformado e acrescido de um terceiro pavimento, as aulas da Academia funcionaram em um edifício fronteiro ao solar, depois do término das obras a mudança foi realizada pelos próprios alunos da Academia [Figura 4]. O novo pavimento era constituído de dois grandes salões de igual tamanho nas extremidades e uma galeria central com amplo teto de vidro, garantindo iluminação zenital¹⁷.

A referida galeria aparece em fotografia do século XIX (1887-1889) funcionando como sala de aula, onde se vê o pintor carioca Antonio Rafael Pinto Bandeira (1863-1896) entre dois meninos, um deles servindo de modelo vivo [Figura 5]. Em outra fotografia, já do século XX, o salão serve de galeria de exibição do acervo de gesso e pinturas [Figura 6]. Viviane desfaz um equívoco quanto a identificação da fotografia do século XIX, que, em publicação de Emanuel Araújo, é relacionada ao Liceu de Artes e Ofícios da Bahia. A autora comprova pela comparação das duas fotografias que o acervo exposto e as características arquitetônicas do salão e mais a estadia documentada na Academia do pintor Antonio Bandeira entre 1887 e 1889, que se trata de uma das dependências da Academia de Belas Artes da Bahia na sua conformação oitocentista¹⁸.

De acordo com Querino nos primeiros anos de atividade da Academia tudo prosseguia bem, trabalhava-se muito, o número de matriculados excedeu de quatrocentos e, faziam-se anualmente 600 a 800 desenhos, as condições de instalações eram muito modestas a ponto dos alunos mais dedicados fornecerem a mobília escolar, composta de caixões de pinho, lanternas de folhas de flandres e outros pertences¹⁹.

Quanto ao perfil sócio econômico do alunado, a dissertação de Viviane discute e desfaz a afirmação de Maria das Graças Leal de que “a academia fora criada para atender a uma clientela de

¹⁶ TORRES, op. cit. p. 193. (Leitura depois de Viviane Rummler da Silva, 2008, p. 65)

¹⁷ Idem, ibidem, p. 67.

¹⁸ SILVA, op. cit., p. 67-69.

¹⁹ QUERINO, op. cit., p. 121-122.

elite, o que sinalizava a influência de tornar-se uma escola superior, enquanto o Liceu era destinado à atender as classes populares, enquanto *escola do povo*”²⁰.

Selma Ludwig já havia observado na clientela da Academia de Belas Artes da Bahia, que os “alunos das mais diversas classes sociais freqüentavam os cursos de Pintura, Desenho, Arquitetura, Escultura e Música”²¹ [Figura 8, Figura 9 e Figura 10] e concluído que a “existência da Academia de Belas Artes como estabelecimento particular, formado por pessoas das classes menos favorecidas, possibilitou a obtenção do nível de terceiro grau a um grupo numeroso, não participante da elite social da época”²².

Viviane²³ constata documentalmente que mesmo com as dificuldades iniciais enfrentadas, a instituição gratificava alguns alunos com abonos de matrículas parciais ou totais, diante de eventuais prestações de serviços à mesma (carpintaria, pintura, etc.), praticava a gratuidade de matrículas para alunos de baixa renda, sendo aprovada em 1881 a proposta do professor Cañizares de matricular gratuitamente todas as pessoas que provassem pobreza²⁴.

O assunto foi desde sempre tratado pela Academia com o maior cuidado, a ponto de constar nas Disposições Provisórias da Academia de Belas Artes da Bahia de 1879 no artigo 11, parágrafo único, ser facultado o ensino gratuito aos cursos da academia mediante dois motivos: 1º. Falta de meio alegado e verificado de um aluno ou aspirante; e 2º. Por merecimento de aluno, provado por seu procedimento, assiduidade, aplicação e aproveitamento demonstrado por trabalho notável e digno de animação²⁵.

Viviane põe fim a discussão observando que “o acolhimento das classes pobres pelas instituições de ensino não era apenas uma atitude beneficente, mas uma resposta social de apoio financeiro propiciado pelas facções políticas locais”²⁶. De fato a Academia desde a fundação era subvencionada pelo governo provincial, a defesa da continuidade e ampliação desse patrocínio na Assembléia Provincial alegava os relevantes serviços que a instituição prestava às classes pobres,

²⁰ LEAL, Maria das Graças de Andrade. **A arte de ter um ofício**: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia 1872-1996. Salvador: Fundação Odebrecht; Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, 1996. p. 182.

²¹ LUDWIG, Selma Costa. **Universidade Federal da Bahia**. Centro de estudos baianos. A Escola de Belas Artes cem anos depois. Salvador (Ba): UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1977. p. 6.

²² LUDWIG, Selma Costa. **Mudanças na vida cultural de Salvador 1950-1970**. 1982. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1982. f. 19. (Citado por SILVA, 2008. p. 71.)

²³ SILVA, op. cit., p. 70.

²⁴ Arquivo Histórico da EBA/UFBA. ACTA da sessão de 3 de fevereiro de 1881. p. 50-51 In: **LIVRO para as actas das Sessões da Congregação da Academia de Belas Artes da Bahia 1878-1895**. Salvador (BA): Academia de Belas Artes da Bahia, 1878. Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA, 2007. p. 50.

²⁵ SILVA, op. cit. P. 70.

²⁶ Idem, ibidem, p. 70.

dando ensino gratuito ao maior número de seus alunos, conforme foi verificado no discurso do Conselheiro Theodoro Machado Pereira da Silva²⁷.

Inicialmente a vida da Academia de Belas Artes da Bahia foi regulada pelas Disposições Provisórias, os primeiros estatutos foram aprovados pela Congregação em 04 de agosto de 1880 e pelo Governo da Província da Bahia pelo Ato de 12 de Julho de 1880²⁸. No artigo primeiro firma-se o objetivo principal da Academia: “o ensino teórico e prático, propagação e aperfeiçoamento dos ramos de estudo que a constituem, dando aos alunos que os cursarem regularmente habilitações para o exercício das profissões de architecto, pintor e escultor”²⁹.

O cargo de direção resultaria de eleição dos professores entre si, de quatro em quatro anos, sendo que, em caso de impedimento, servirá um vice-diretor, “do mesmo modo eleito annualmente” O secretário e o tesoureiro seriam dois professores eleitos anualmente. A partir de abril de 1880 os cargos de presidente e vice-presidente da academia tornaram-se permanentes por proposta do diretor Cañizares³⁰.

A contratação dos professores dava-se por eleição pelo corpo docente, depois de avaliados através de concursos com provas de habilitação. Havendo por ocorrência de vaga, um profissional de renome e reconhecido mérito, este poderia ser nomeado sem concurso, mediante a obtenção de um escrutínio secreto com pelo menos duas terças partes dos votos do corpo docente. Era normal que tais nomeações fossem feitas por indicação dos membros da congregação ou através de requerimento do pleiteante, acompanhado de documentação comprobatória de habilitação. Ocorriam também as efetivações de ex-alunos que, inicialmente, atuavam como assistentes de professor. Tais pedidos, recomendações ou efetivações, e destituições, eram sempre julgados pela Congregação³¹.

No princípio a maioria dos professores trabalhava gratuitamente, começando aos poucos a receberem salários não muito maiores que o do porteiro da academia. Alguns se ofereciam para trabalhar de graça, levando a congregação a decidir pelo impedimento desse tipo de serviço.

De 1878, primeiro ano de funcionamento da academia até 1895, ano da reforma de ensino Benjamim Constant, quando a academia passou a se denominar Escola de Belas Artes, as disciplinas que compunham os cursos oferecidos pela Academia de Belas Artes da Bahia eram: Música, 1ª.

²⁷ FALLA com que o Exmo. Sr. Conselheiro Theodoro Machado Freire Pereira da Silva abriu a 1ª. Sessão da 26ª. Legislatura da Assembléia Legislativa Provincial do dia 3 de abril de 1886. Bahia, Typ. Da Gazeta da Bahia, 1886. p. 33. (citado por SILVA, 2008, p. 71).

²⁸ Idem, ibidem, p. 73.

²⁹ Idem, ibidem, p. 73.

³⁰ Idem, ibidem, p. 74.

³¹ Idem, ibidem, p. 74.

Classe de Desenho, Desenho Linear (teórico e prático), Francês, Anatomia, História das belas artes e estética, cadeira de Arquitetura, Desenho do lápis simples e sombreado (3º. Ano prática), Elementos de Arquitetura (2º. Ano – teórica), Aplicações de elementos de arquitetura, desenho de portas, janelas, madeiramento, etc (2º. Ano prática), primeiras letras, Anatomia artística, mitologia e história das artes; Matemáticas; Desenho (classe masculina); Desenho (classe feminina); Canto Coral; Desenho e pintura; 2ª. Classe Magistério; Estudo de gessos e roupagem; Anatomia descritiva; Arquitetura; Máquinas simples, a vapor e hidráulicas empregadas nas construções civis; Composição dos edifícios de arquitetura civil; História da Arquitetura; Aplicações da Arquitetura Civil, projetos de casas e edifícios públicos; instrumentos de palheta (Seção de Música), escultura; Resistência dos materiais e estabilidade das construções (classe 3º. Ano); ; Traços sombreados e estudos acadêmicos; Cadeira do Curso Superior de Desenho e Pintura; Desenho curso de arquitetura ; Curso de pintura (1ª. Seção); Curso geral (1ª., 2ª, e 3ª, seções); Desenho e pintura superior; Desenho do natural e composição.

Os cursos se dividiam em 3 seções arquitetura, pintura e escultura. Na seção de arquitetura o curso durava três anos letivos de 10 meses cada, preparando empreiteiros e arquitetos. No 1º. Ano se ensinava a teoria da aritmética, álgebra, geometria e trigonometria retilínea. Na parte prática abordava-se os desenhos linear, de sombra ou com esfuminho, de ornatos e de figuras. No 2º. Ano era ensinada a teoria de elementos de geometria descritiva e aplicações (corte de pedras, sombra, perspectiva); elementos de mecânica (estática, dinâmica, cinemática); elementos de arquitetura e elementos de máquinas. Para a parte prática eram vistos geometria descritiva e aplicações, elementos de arquitetura (ordens, detalhes de portas, janelas, etc.). No 3º. Ano, ensinava-se topografia e nivelamento, resistência dos materiais e estabilidade das construções; máquinas simples, a vapor e hidráulicas, empregadas nas construções civis, arquitetura civil e história da arquitetura. Na parte prática eram feitos projetos de casas na cidade, no campo, edifícios públicos, etc. compreendendo plano, cortes e elevação; desenho de lápis simples e sombreado.

Na seção de pintura, assim como na de escultura, os cursos não tem tempo limitado, nem prazos fixos. Subdividem-se em estudos elementares e superiores. Os Estudos Elementares compreendiam: uma parte teórica igual a do curso de arquitetura, porém, limitado aos conhecimentos necessários à pintura, perspectiva e anatomia pictórica; e uma parte prática na qual eram praticados o desenho linear, estudos elementares de figura e com sombras, desenho de ornatos, paisagens, flores e animais . Os Estudos Superiores compreendiam, na parte teórica, história das belas artes e estética, enquanto na parte prática, desenho do antigo e roupagens, desenho do natural, colorido e composição.

Na seção Escultura: os estudos seguem as mesmas subdivisões e respectivos conteúdos teóricos e práticos da seção de pintura, diferindo a dispensa nos estudos superiores do estudo do colorido, substituído pelo modelo do antigo, do natural, de roupagens e composição.

Posteriormente foi criada a seção de Música vocal, pois desde o princípio da Academia de Belas Artes da Bahia, que foram instituídas aulas de música.

Ao final do curso os alunos aprovados nos diversos exames, recebiam uma carta de habilitação, assinada pelo diretor e professores da seção, cujos estudos tinham seguido e concluído, exames que eram solicitados pelos alunos através de requerimento encaminhado à congregação.

Viviane notou coincidência do teor da “Seção de Pintura” constante das Disposições Provisórias que regulam a Academia de Belas Artes da Bahia (1879) com as classes frequentadas por Cañizares na Academia de San Carlos, a exemplo das classes de desenho da figura, mecânica, desenho do antigo, desenho do natural e desenho do colorido e composição. Tal constatação reforça a conclusão de que as academias espanholas e a Academia Imperial de Belas artes, do Rio de Janeiro serviram de modelo para a Academia de Belas Artes da Bahia ³².

Após a Reforma Benjamim Constant (1894-95) o programa de cursos consistiu em dois níveis: o do Curso Geral, com três seções compreendendo as chamadas aulas elementares e o de Cursos Especiais (ou superiores) de pintura, escultura e arquitetura e um Curso anexo de Música. Após cumprir o Curso Geral, obrigatório para todos os alunos, eram realizados exames de suficiência para se ter acesso aos cursos especiais, quando então o aluno escolhia um dos cursos oferecidos³³.

Curso Geral:

1ª. Seção: História geral e Mitologia; Desenho linear teórico e prático; Desenho de folhagens e de figura. Cópia de estampas (simples traços); aritmética, Geometria e Álgebra; noções de ciências físicas e naturais.

2ª. Seção: Geometria descritiva com aplicações a sombras, cortes e perspectivas; teoria e trabalhos gráficos; História das Belas Artes e rudimentos de arqueologia; Desenho figurado e ornamentação elementar; Cópia de gesso desde os sólidos até as figuras com indicações rápidas de sombras;

³² Idem, *ibidem* p. 77.

³³ Idem, *ibidem*, p. 79.

3ª. Seção: História das Belas Artes e Estética; Elementos de Arquitetura Decorativa e desenho de ornatos, gesso e naturezas mortas (combinações)

Cursos Especiais:

PINTURA: 1ª. Série – Anatomia e fisiologia artísticas; Desenho de modelo vivo (prática no atelier)

2ª. E 3ª. Séries – Pinturas de naturezas mortas, estudos de costumes e de nu (curso prático no atelier)

ESCULTURA

1ª. Série – Anatomia e fisiologia artísticas; Desenho do modelo vivo, escultura de ornatos, fragmentos de gesso e de natural (curso prático no atelier)

ARQUITETURA

1ª. Série – Trigonometria, Elementos de Máquinas e Máquinas simples; Topografia e Nivelamento (prática no campo); História da Arquitetura

2ª. Série – Resistência dos materiais e estabilidade das construções; Arquitetura civil, programas e composição de edifícios (prática no atelier); Desenho de lavis e com sombra

CURSO ANEXO DE MÚSICA

Aula de canto corais

Aula de piano

Aula de instrumentos de arco

Aula de instrumentos de sopro³⁴

Logo no princípio Cañizares incluiu no Programa da Academia de Belas Artes da Bahia a realização de exposições com medalhas de ouro, prata e bronze e menção honrosa. Já em 1878 se realizou a primeira exposição, seguida da de 1880, 1882, 1883, 1885, 1887, 1893, 1897, 1926, 1931³⁵.

Nos novos estatutos de 1895 foi instituído o Prêmio de Viagem a Europa, que concedia ao aluno agraciado uma pensão de 500\$000 de ajuda de custo e 2:800\$000 anualmente. O país da Europa seria indicado pelo Conselho. A concorrência no concurso era restrita aos alunos que

³⁴ Esses estatutos eram desconhecidos até a doação do arquivo particular de Agripiniano Barros, feita por Ângelo Decano Filho em 03/03/2008 à Escola de Belas Artes da UFBA, constituindo-se em documento inédito citado pela primeira vez por Viviane Silva.

³⁵ SILVA, op. cit., p. 80-81.

tivessem cursando pelo menos um ano e as provas ficavam em propriedade da Escola, que deveria expô-las nos ateliês onde tinham sido feitas até o próximo concurso³⁶.

O primeiro prêmio de viagem a Europa foi concedido pela EBA em 1896 ao aluno Archimedes José da Silva³⁷. A regulamentação com as exigências de prestação de contas dos estudos e um termo de obrigação assinado pelo pensionista nos moldes da EBA do Rio de Janeiro.

Segundo Robson Santana³⁸ a Archimedes foi requerido enviar oito estudos, dos quais quatro acadêmicos feitas no atelier Julien, devendo freqüentar o curso noturno da Escola de Artes Decorativas, por ser gratuito, e onde muito aprenderá desenho, fazendo todos os esforços para entrar na Escola de Belas Artes de Paris.

No segundo ano o pensionista deveria enviar oito estudos pintados, dos quais algumas academias e uma cópia de quadro notável dos Museus do Louvre ou Luxemburgo, para que nesse mesmo ano possa ser admitido na Escola de Belas Artes, apresentando resultado do seu concurso, obrigando-se desde sua admissão a freqüentar o curso da tarde, o principal dessa Escola.

No terceiro ano uma cópia de tela importante, cujas dimensões mínimas em tela nº 80 (1m35/0,95), um quadro original e os estudos que puder, entre eles alguns esboços de sua composição, com obrigação de mandar todos os anos um trabalho de *Salon*, sobretudo o quadro original que tiver de mandar no outro ano, obrigado a remeter o documento ou carta de admissão ou recusa dos seus quadros no dito *Salon*.

Nem Archimedes, nem os outros pensionistas conseguiram atender as exigências do termo, haja vista que nenhum deles conseguiu ser admitido na Escola de Belas Artes de Paris. A responsabilidade desse desempenho não deve ser atribuída apenas a conduta dos pensionistas, mas a logística do prêmio, valores baixos, incompatíveis com a carestia da capital francesa, atraso no envio da verba, o que deixava os pensionistas em situação difícil.

A preocupação em dotar a Academia de Belas Artes da Bahia de condições para o desenvolvimento dos estudos de arte nos moldes acadêmicos foi constante e determinou a encomenda de cópias de gesso em Paris. A primeira encomenda foi realizada em 1878, as peças chegaram em julho de 1878. Nessa encomenda constava a *Vênus de Milo*, preservada no acervo da EBA/UFBA. Em 1897 a EBA faz uma nova encomenda de gessos a Paris, agenciada pelo professor de escultura, Joseph Gabriel Sentis.

³⁶ Idem, ibidem, p. 94.

³⁷ SANTANA, Robson. Em busca da pintura de Archimedes José da Silva. **REVISTA OHUN**, Salvador, ano 1, n. 1, 2004. Disponível em <http://www.revistaohun.ufba.br/html/archimedes.html> Acesso em 31/05/2010.

³⁸ Idem, ibidem, p. 95.

Conforme podemos notar, do ano de sua fundação até o final do século XIX a Academia de Belas Artes da Bahia foi sendo estruturada no plano físico, de equipamentos, recursos pedagógicos e humanos para atender ao modelo europeu de academia e responder com eficiência o desafio de formar bem as novas gerações de artistas.

A tarefa era maior do que as forças arregimentadas, de modo que haverá na história da instituição períodos de fraqueza institucional e períodos de grande fortalecimento. Para não contrariar a história das instituições no Brasil, a Academia de Belas Artes da Bahia foi realizando um ensino da arte possível, compatível com as restrições orçamentárias e a dificuldade de mão de obra especializada para lecionar determinadas matérias, mas sempre atenta ao modelo.

O certo é que a perseguição do ideal determinou gerações de artistas formados pela instituição que se destacaram pela excelência de sua arte, a exemplo de Presciliano Silva, Manoel Lopes Rodrigues, Mendonça Filho, Francisco Terêncio Vieira de Campos e muitos outros que despontaram no século XX e que conquanto não tenham atingido notoriedade, nos deixaram obras de grande mestria. A persistência também contribuiu para a construção do campo artístico na Bahia, constituindo-se em ganha pão seguro para boa parte dos artistas baianos ou que aqui escolheram para viver e produzir arte.

A história dessa que foi a segunda Academia de Belas Artes do Brasil e que juntamente com a Academia Imperial, parece ter sido as duas experiências de institucionalização do ensino artístico como academia no país está por ser revelada, cabendo aos futuros pesquisadores essa tarefa.



Figura 1 - Auto-retrato de Miguel Navarro & Cañizares, 1886.
Acervo da EBA/UFBA



Figura 2 - Retrato de João Francisco Lopes Rodrigues.
Óleo sobre tela de Manoel Silvestre Lopes Rodrigues, 1884.
Acervo da EBA/UFBA.



Figura 3 - Reconstituição do Solar Jonathas Abbott antes da 1ª reforma.
Desenho de Otávio Torres.



Figura 4 - Sede da Escola de Belas Artes da Bahia na Rua 28 de Setembro depois da 2ª reforma - Salvador/Bahia.
Arquivo Histórico da EBA/UFBA.



Figura 5 - Galeria central da Academia de Belas Artes da Bahia - O pintor Antônio Bandeira à esquerda, de paletó, fotografia de cerca de 1887-1890. Arquivo da EBA/UFBA.



Figura 6 - Galeria Central da Academia de Belas Artes da Bahia – Rua 28 de Setembro Antigo Solar Jonathas Abbott, fotografia de cerca de 1951. Arquivo Histórico da EBA/UFBA



Figura 7 - Galeria da Escola de Belas Artes da Bahia – destaque da cópia em gesso da *Vitória de Samotrácia*.
Foto: Oswaldo Vieira – Arquivo Histórico da EBA/UFBA.



Figura 8 - Aula de desenho na Academia de Belas Artes da Bahia – Solar Jonathas Abbott
Rua 28 de Setembro - Salvador/Bahia.
Arquivo da EBA/UFBA.



Figura 9 - Aula de Arquitetura na Escola de Belas Artes da Bahia – Rua 28 de Setembro - Salvador/Bahia.
Arquivo da EBA/UFBA.

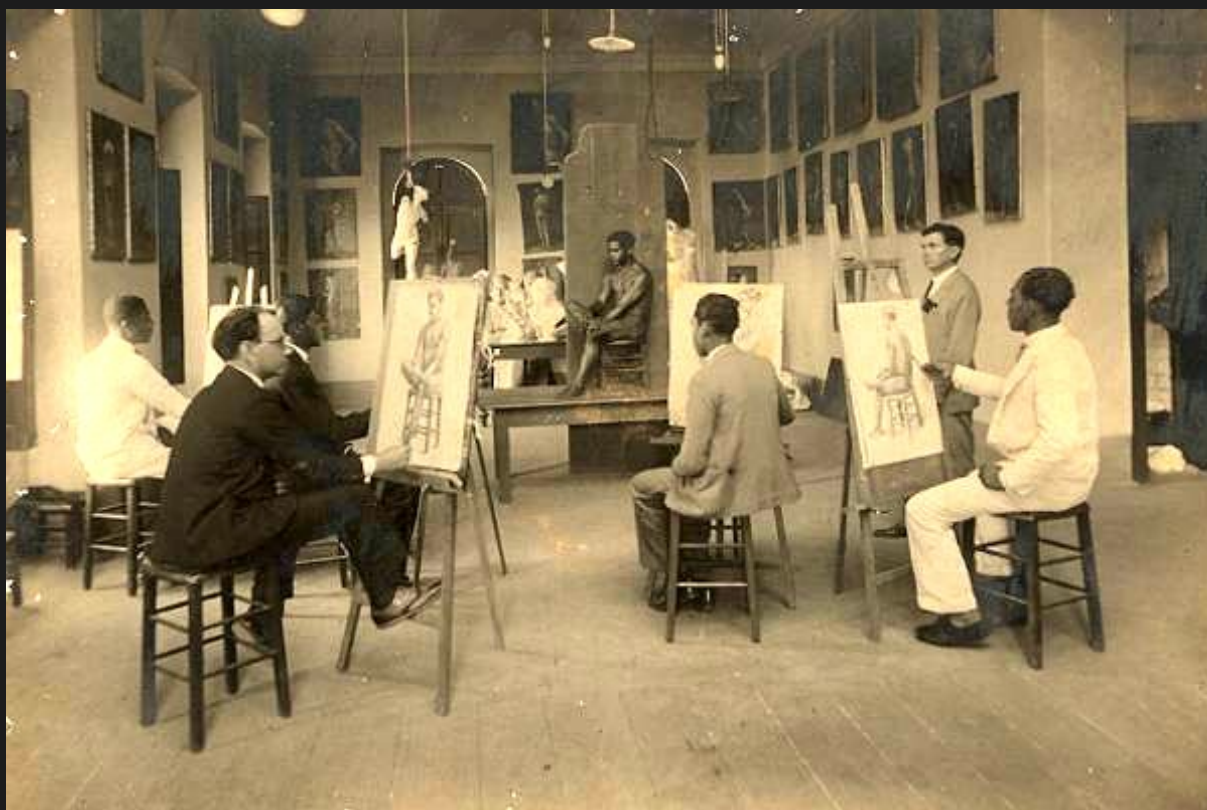


Figura 10 - Aula de modelo vivo – Escola de Belas Artes da Bahia – Rua 28 de Setembro -Salvador/Bahia.
Arquivo da EBA/UFBA.